



Eco do Amor

Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre · ACN Brasil

Ano 65 • Janeiro de 2018

O campo de refugiados no Iraque se tornou o novo quintal para brincar.

NOSSA Paz

Mesmo na contrariedade das situações e nas dificuldades da vida presente, a verdadeira paz só pode vir de Deus, sobretudo quando promovemos a reconciliação e o perdão.



Ajuda à Igreja que Sofre



EcodoAmor

Eco do Amor é uma publicação mensal da ACN Brasil
Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre

Fundada em 1947 pelo Padre Werenfried van Straaten, a **ACN (Aid to the Church in Need)** é uma Fundação Pontifícia que tem por missão apoiar projetos de cunho pastoral em países onde cristãos sofrem perseguição religiosa, guerras, revoluções ou miséria.

Mais de **60 milhões de pessoas são beneficiadas indiretamente todos os anos, através dos mais de 5 mil projetos apoiados pela Ajuda à Igreja que Sofre em cerca de 140 países**, incluindo o Brasil. Tudo isso graças aos seus mais de 600 mil benfeitores espalhados pelo mundo.

FUNDAÇÃO
PONTIFÍCIA



Serviço de Atendimento ao Benfeitor
(Como se tornar benfeitor, mudança de endereço,
pedidos de orações, sugestões e dúvidas)
0800 77 099 27 (ligação gratuita)
De segunda a sexta das 8h às 18h

acn.org.br
atendimento@acn.org.br
(0xx11) 94665-0917  WhatsApp

São Paulo (sede)
Rua Carlos Vitor Coccozza, 149
Vila Mariana · São Paulo / SP
04017-090 · Brasil
(0xx11) 2344-3740

Rio de Janeiro
Rua São José, 90 – Sala 2201-B
Centro · Rio de Janeiro / RJ
20010-020 · Brasil
(0xx21) 3178-0202

Assista aos nossos programas de televisão “**A Igreja pelo Mundo**” e “**Onde Deus Chora**” nas emissoras: Canção Nova, Horizonte, Milícia Sat, Nazaré, Rede Evangelizar, Rede Vida, Século 21 e TV Tubá



EcodoAmor

Indique um Amigo

Indique amigos e familiares para receberem gratuitamente o **Eco do Amor**, com a orientação espiritual do mês, os principais projetos auxiliados no período e a possibilidade concreta de ajudar quem mais precisa. Acesse o site **acn.org.br** ou ligue para **0800 77 099 27**

NOSSA Paz

Depois dos dois grandes anos jubilares, o Ano da Misericórdia, em 2016, e o 100º aniversário de Fátima, em 2017, o ano de 2018 está à nossa frente como um ano “normal”. Mas existe uma temática e um desafio que são válidos sempre e todos os anos: a missão da paz. É na paz que consiste, em última análise, o objetivo final de todos os jubileus, comemorações e iniciativas. É por isso que a Igreja sempre celebra o Dia Mundial da Paz já no primeiro dia do ano. “Shalom” significa a plenitude do tempo, o início dos novos tempos messiânicos. No entanto, se o Messias já chegou, por qual motivo ainda não há paz na Terra?

Com efeito, como último presente antes da sua Paixão, Jesus nos deixa a sua paz;

e a traz novamente como primeiro presente na Páscoa – uma paz que “supera todo entendimento” (Fl 4,7). A paz de Cristo não pode ser medida; ela é um objeto da nossa fé. Somente Deus tem o domínio sobre a paz e é Ele que oferece a paz como um presente a cada ser humano. Uma paz que “não é à maneira do mundo” (Jo 14,27), não é um bem-estar de pouca duração ou um suposto estado de quietude, mas uma paz que abrange a totalidade, que é completa e definitiva. É o próprio Jesus que paga pelo preço da paz, superando a hostilidade em seu corpo crucificado e tornando-se dessa forma a “nossa paz” (Ef 2,14).

**A VERDADEIRA PAZ
VEM COM A RECONCILIAÇÃO**

A existência real dessa paz não significa não ter dificuldades ou ter os desejos realizados. Na melhor das hipóteses, isso torna as pessoas “satisfeitas”, mas não pacíficas. Nós recebemos a verdadeira paz quando, confiantes na palavra do Senhor, buscamos e promovemos a reconciliação com Deus, com o próximo e conosco mesmos. Só assim a paz também pode acontecer no mundo. É por isso que devemos celebrar todo dia um “jubileu”, reconciliando-nos, uns com os outros, e perdoando-nos mutuamente. O grande monge ortodoxo russo, São Serafim de Sarov, nos assegura: “Procure você a paz, e milhares ao seu redor encontrarão a salvação”. Essa paz não significa ter a serenidade em si mesmo. O cientista Max Thürkau nos ajuda a compreender a diferença: “O budista mantém sua serenidade para si mesmo, o cristão doa sua serenidade ao próximo – uma serenidade que é paz. Paz é serenidade compartilhada, doada. Um cristão não pode manter a paz interior quando seus vizinhos vivem aterrorizados”.

Caros amigos, que o ano de 2018 seja para nós um ano “intranquilo”, no qual, dia após dia, busquemos e doemos a paz de Cristo para que o mundo acredite que Jesus é o Messias, o Príncipe da Paz.



**Pe. Martin
M. Barta**

**Assistente Eclesiástico
Internacional**

Perseguidor Anunciador

Mais um refugiado cristão chega ao Brasil, a Cáritas é solicitada, mas ninguém entende o idioma. Outra vez é preciso chamar o Moussa Diabate, um voluntário que fala 17 línguas, incluindo vários dialetos africanos. Mas nem sempre foi assim, nem sempre o Moussa esteve disposto a ajudar, antes esteve disposto a matar os cristãos.

Quando tinha 16 anos, seu nome era Mohammed, ele era o primogênito de 19 irmãos e pertencia ao povo nômade Tuaregue, vivia no Mali, no deserto do Saara. A família era muçulmana sunita e muito radical. Moussa estudava na capital e ficou sabendo que um colega havia se convertido ao cristianismo depois de ter sido cuidado por religiosas católicas, quando foi abandonado no deserto com tuberculose por sua família. “Como ele se converteu, eu precisava matá-lo para poder salvar a sua alma e com isso eu salvaria a minha alma também, até a família dele queria vê-lo morto por conta da conversão. Fui até o hospital onde ele estava. Quando cheguei ele me disse: ‘sei o que você veio fazer aqui, mas antes deixa eu te dizer uma coisa: Jesus te ama’”.

Moussa Diabate



Ajude-nos! Conheça os projetos da ACN e seja um missionário a partir da sua casa. Faça uma doação a qualquer Bradesco: Ag. 3450 Cc. 15.660-4 | Santander: Ag. 3793 Cc. 13-000507-8 | Caixa Econômica Federal: Ag. 0245



Moussa ainda carrega em seu corpo as marcas dos açoites, consequência de sua conversão.



Em evento da ACN Moussa dá seu testemunho ao lado do Cardeal Dom Orani Tempesta, aos pés do Cristo Redentor.

Apesar de estar armado, não teve coragem de disparar. Moussa ficou um bom tempo pensando naquelas três palavras: Jesus te Ama. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas estava mudando. Até que o “impossível” aconteceu: ele se tornou cristão também. Achou que sua família entenderia sua nova condição de fé, mas, ao contrário, eles o prenderam, despiram, açoitaram e o arrastaram pelo povoado. **As marcas dos açoites ainda existem. Moussa mal havia se convertido e já estava sendo testado em sua fé, experimentando dor semelhante a de Cristo. Ele ficou amarrado a um tronco e com um prazo de quatro dias para voltar ao islamismo, ou o matariam.** Na noite anterior à execução, um de seus parentes o desamarrou para que fugisse. Pegou suas roupas e foi para a capital, onde passou a dormir nos bancos dos arredores de seu colégio. Depois de alguns dias, um carro da embaixada suíça foi atrás dele. O motorista o chamou e disse: “seu tio quer te matar, você precisa de asilo religioso”. Até hoje Moussa não sabe ao certo como eles ficaram sabendo da sua história. Ele atribui isso ao Espírito Santo que já o estava conduzindo e protegendo.

Na Suíça passou a se chamar como hoje é conhecido, Moussa Diabate, que quer dizer mensageiro da paz/reconciliação. Nessa época ele conheceu a ACN por meio de materiais de evangelização em francês que foram disponibilizados para ele ainda no consulado. Por causa da perseguição acabou vindo para o Brasil onde fundou uma ONG, o Bom Samaritano, na qual acolhe refugiados, ajudando com tradução, aulas de português, conseguindo cursos de capacitação, alimentação, etc. “Temos que capacitar os refugiados, para que quando houver paz nos seus países eles possam voltar, capacitados, para reconstruírem suas vidas”. ■

O testemunho de Moussa atualiza a história do apóstolo Paulo, cuja conversão celebramos neste mês. A experiência com Cristo fez com que Moussa passasse de perseguidor para anunciador, mostrando que não existem limites para o amor quando o homem abre seu coração para Deus.



Recompensa do estudo:
seminaristas na Tanzânia,
a caminho da ordenação

VOCÊ PARTICIPA

DA VOCAÇÃO DELES

Em nenhum lugar a Igreja cresce tão rapidamente como na África. Em lugar algum a riqueza de vocações é maior e existem tantas escolas católicas e tantos seminaristas como nesse continente. Mas como em nenhum outro lugar a Igreja é mais pobre.

Bispos e reitores de seminários estão felizes com o crescente número de candidatos às ordens sagradas. Antes, sempre verificam se se trata de uma vocação ou apenas do desejo da estabilidade, segurança. Mas, de forma alguma se está seguro, seja onde for. Em algumas dioceses pode até ser perigoso. Na

diocese de Dori, na “Terra dos homens íntegros” (Burkina Faso), na divisa com o Mali, é preciso ter bastante coragem e perseverança para consagrar a própria vida a Cristo. A população é uma das mais pobres da África. Grupos terroristas islâmicos ocasionalmente atravessam as fronteiras. Mas Damien, Ambrosius, Daniel e outros 42 seminaristas querem, ainda assim, servir ao Senhor. Eles estudam e durante as férias ficam em diversas paróquias, para conhecer melhor a realidade das pessoas nesta região do Sahel e futuramente apresentar o Cristo. A ACN apoia a formação deles.

Na República Centro-Africana, o arcebispo de Bangui se orgulha de seus seminaristas. Todos eles foram aprovados nos exames finais no ano passado, três até com notório destaque. E isso apesar da turbulência da guerra no país. Esses jovens querem trazer para o seu povo a reconciliação e a paz de Cristo. Nosso apoio chegou também ao bispo e seus 53 seminaristas. Na Tanzânia são 46 os candidatos ao sacerdócio. Na Nigéria, no Sudão, no Quênia, em Angola, na República Democrática do Congo são muitas centenas de jovens que, graças à generosidade de vocês, podem consagrar suas vidas a Deus. ■



A ACN apoiou em 2017 o Programa de Treinamento sobre Espiritualidade e Desenvolvimento Juvenil para alunos e grupos de jovens da Arquidiocese de Shillong, na Índia.

Caros Amigos

Quem ainda estiver procurando propósitos para o novo ano, que consulte Paulo. Na Carta aos Romanos, ele faz uma série de recomendações, muito práticas e pessoais. Se alguém tem o dom do discurso profético, que fale, de acordo com a fé; se alguém gosta de servir, então que sirva; e quem se sente chamado a consolar, que console (cf. Rm 12,6ss). Em outras palavras: devemos explorar o nosso potencial, tornar-nos melhores. Esse é o nosso propósito. E esse enfoque de Paulo não é só individual, mas também social, quando segue escrevendo: “Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos; sejam fervorosos de espírito, servindo ao Senhor. Sejam alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração. Sejam solidários com os cristãos em suas necessidades e se aperfeiçoem na prática da hospitalidade.” (Rm 12,11ss)

Não são apenas bons propósitos, é todo um programa de vida para cada um que deseja preparar o caminho para a paz de Cristo na terra, experimentando assim a paz de Cristo no coração. Nesse sentido eu desejo a todos nós um pacífico e abençoado 2018!



Johannes Freiherr Heereman
Presidente
Executivo



Necessidade, amor e gratidão

As cartas de vocês

Serviço insubstituível

Queiram aceitar meus profundos agradecimentos pelo seu compromisso com nossas irmãs e irmãos perseguidos e oprimidos em todo o mundo. Assim os senhores estão prestando um maravilhoso, insubstituível serviço a Jesus Cristo. **De um benfeitor da Alemanha**

Abriram o coração

Depois que eu li para meus filhos alguns trechos do Eco do Amor, eles decidiram dar uma parte de suas economias para doar fraldas e leite

a bebês na Síria. Obrigada por essa proposta de ajuda concreta, que fez meus filhos abrirem os corações. **De uma mãe da França**

Esperança para a Igreja

O Eco do Amor nos enche de esperança por um bom futuro para a Igreja, apesar de todas as hostilidades a que é submetida. Deus abençoe a cada um dos senhores com os dons do Espírito Santo, para que possam prosseguir com esta prodigiosa obra para Deus. **De uma senhora da Austrália**

Escreva e compartilhe o seu testemunho com a ACN:
Ajuda à Igreja que Sofre - Caixa Postal 46059 - Cep: 04045-970 - São Paulo - SP
por e-mail: atendimento@acn.org.br ou pelo Facebook

Fortaleza, Brasil
No claustro do Carmelo
de Santa Teresinha, no
Condomínio Espiritual
Uirapuru, as freiras
mostram a alegria de
terem entregue suas vidas
a Deus.

© Ismael Martínez Sánchez



Participe você também desta Obra de Amor!

Conhecer o trabalho da Igreja pelo mundo, rezar para que os desafios sejam superados e partilhar com os que mais precisam. Essas são as propostas da ACN para você. Faça parte: ligue gratuitamente para 0800 77 099 27, acesse acn.org.br ou escreva para: ACN - Ajuda à Igreja que Sofre - Caixa Postal 46059 - Cep: 04045-970 - São Paulo - SP



Evite o descarte
deste informativo.
Repasse-o a outra
pessoa!